CADERNOS MACAMBIRA

ISSN 2525-6580, Serrinha, Bahia - v. 11, n. especial, 2026. https://doi.org/10.59033/cm.v11iespecial.2196.
Número especial: Morrer e Amar na (re)criação do viver

ARTIGO / ARTICLE

MORTE: UMA REALIDADE — UM COMEÇO

DEATH: A REALITY — A BEGINNING

Maria das Graças Fonseca dos Santos[1*], Elaine Pedreira Rabinovich[2]

[1]Religiosa Mercedária Missionária. Doutoranda e Mestre em Família na Sociedade Contemporânea (UCSal/BA). Especialista em Gestão Escolar - Administração e Supervisão (UESPI). Psicopedagogia Institucional e Clínica (Escola de Engenharia de Agrimensura). Graduação em Pedagogia - Supervisão Escolar (Faculdades Integradas Olga Metting) e Bacharelado em Teologia (Faculdade São Bento da Bahia). Membro do Grupo de Pesquisa Família, (Auto) Biografia e Poética (Fabep/UCSal). Membro da Sociedade Brasileira de Cientistas Católicos (SBCC). Coordenadora Estadual da Associação Nacional das Escolas Católicas (ANEC). Salvador, Bahia, Brasil. *Autora correspondente: gracasfonseca@yahoo.com.br

[2]Psicóloga Clínica. Pós-doutora em Psicologia e História pela Universidadede SãoPaulo(USP).Doutora em Psicologia Social (USP). Coordenadora do Grupo de Pesquisa Família, (Auto)Biografia e Poética (FABeP-UCSal). Docente adjuntada Universidade Católica do Salvador (UCSal), Salvador, Bahia, Brasil. Membro da Academia de Letras e Artes Mater Salvatoris – ALAMS.

Recebido: 29/04/2026 - **Revisado**: 22/05/2026 - **Aceito**: 01/09/2026 - **Publicado**: 30/09/2026

RESUMO: O artigo aborda a morte a partir de uma perspectiva bíblico-teológica, compreendendo-a como uma realidade inerente à existência humana e, ao mesmo tempo, como início de uma nova etapa. O objetivo é refletir sobre o significado da morte à luz da fé cristã, investigando se ela pode ser entendida como um novo começo marcado pela esperança. A metodologia baseia-se em revisão bibliográfica de textos teológicos, filosóficos e bíblicos, articulando conceitos históricos com reflexões contemporâneas. Como resultados, evidencia-se que, embora a morte seja humanamente percebida como fim e cause impacto na experiência humana, a tradição bíblica revela uma evolução na sua compreensão, passando da ideia de ausência e silêncio para a esperança na ressurreição. No cristianismo, a morte é iluminada pelo mistério pascal de Cristo, sendo entendida como passagem para a vida plena em comunhão com Deus. Conclui-se que a morte, apesar de seu caráter enigmático e doloroso, pode ser ressignificada como experiência de esperança, transformação e continuidade, convidando o ser humano a viver com responsabilidade, sentido e abertura à transcendência.

Palavras-chave: Finitude. Esperança. Ressurreição. Transcendência. Existência.

ABSTRACT: The article addresses death from a biblical-theological perspective, understanding it as a reality inherent to human existence and, at the same time, as the beginning of a new stage. Its objective is to reflect on the meaning of death in light of the Christian faith, investigating whether it can be understood as a new beginning marked by hope. The methodology is based on a bibliographic review of theological, philosophical, and biblical texts, articulating historical concepts with contemporary reflections. The results indicate that, although death is humanly perceived as an end and has a profound impact on human experience, the biblical tradition reveals an evolution in its understanding, moving from the idea of absence and silence to the hope of resurrection. In Christianity, death is illuminated by the Paschal mystery of Christ and is understood as a passage to full life in communion with God. It is concluded that death, despite its enigmatic and painful nature, can be re-signified as an experience of hope, transformation, and continuity, inviting human beings to live with responsibility, meaning, and openness to transcendence.

Este trabalho está licenciado sob uma Licença Internacional Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 4.0 International

Keywords: Finitude. Hope. Resurrection. Transcendence. Existence.

INTRODUÇÃO

O que é a morte? É possível compreendê-la sob uma perspectiva de esperança? O ser humano a encara, de fato, como um novo começo? Ainda que, desde o início, se proponha um conceito, esta reflexão se concentrará em uma abordagem bíblico-teológica da morte como o início de uma nova etapa existencial. Mas início de quê?

A morte constitui uma realidade que permeia a existência humana diariamente, ao atingir pessoas de nossos vínculos afetivos, companheiros de caminhada ou não. Embora seja um mistério natural no curso da vida, sua ocorrência revela-se antinatural. Conforme J. J. Idígoras (1983, p. 299), no *Vocabulário Teológico*:

> É tão grande o impacto desse golpe, o autor do súbito desaparecimento da vida, que o homem sempre se sentiu dominado por seu mistério...Por um lado, ela se apresenta como uma realidade natural e inevitável. Como dizem os biólogos, sem a morte, algumas bactérias seriam capazes de inundar toda a terra em poucas horas. E alguns mamíferos em pouco dias. Entretanto, para a consciência humana, a morte é algo violento, catastrófico, antinatural.

Pensar a vida em sua finitude permite compreender que viver está diretamente ligado às escolhas e aos posicionamentos individuais frente à própria existência.

Por outro lado, a morte, como afirma Idígoras (1983), não diz respeito apenas ao indivíduo:

> Por um lado, a morte é parte constituinte de nossa condição humana. Não a experiência da morte, que ninguém experimenta em vida – e que talvez não seja tão decisiva. Como certo autor já observou, a nossa própria morte não diz respeito a nós mesmos, mas sim aos outros, pois nós estaremos ausentes. O que marca a nossa condição é a vivência de nos sentirmos sempre diante do horizonte da morte, que dá a nossas ações um caráter de transcendência e irrepetibilidade (IDÍGORAS, 1983, p. 299)

O mistério da morte introduz o elemento **“tempo”** como uma realidade que coloca o ser vivo, especialmente o ser humano, constantemente diante do limite e da finitude. Nessa perspectiva, o autor do Vocabulário Teológico, Idígoras (1983, p. 299), afirma que é isso “que dá às nossas opções e

compromissos um caráter de urgência e premência que jamais teriam se não vivêssemos diante de um horizonte finito". O ser humano parece ter pressa em viver tudo o que considera direito, diante da ausência de controle sobre o tempo e, consequentemente, sobre a própria vida.

Dessa forma, "a liberdade se concentra e se aguça diante da caducidade da vida, e seus atos adquirem um peso e uma inquietação que são inconfundivelmente humanos", afirma o mesmo autor (p. 199).

No *Dicionário Michaelis* (2005), a palavra **morte**, classificada como substantivo feminino, é definida como a cessação definitiva da vida de um organismo, especialmente da vida humana. Essa definição abrange tanto a interrupção da vida em geral quanto a morte do ser humano. Segundo o *Miniaurélio* (Ferreira, 2008, p. 561), a morte é: "Cessação da vida. Termo, fim. Destruição, ruína. Pesar profundo". Já no *Minidicionário Houaiss* (Houaiss; Villar, 2008, p. 514), o termo é compreendido como: "O fim da vida. Término de qualquer coisa. Grande pesar".

METODOLOGIA

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa de natureza qualitativa, de caráter bibliográfico e abordagem teórico-reflexiva. A investigação fundamenta-se na análise de obras teológicas, filosóficas e bíblicas que abordam a temática da morte, com ênfase na tradição cristã.

Foram utilizados como principais referenciais textos de autores da filosofia e da teologia, além da Sagrada Escritura e documentos da Igreja, que contribuem para a compreensão da morte como realidade inerente à existência humana e como possibilidade de transcendência. A análise também dialoga com reflexões contemporâneas, ampliando a compreensão do tema em diferentes perspectivas.

O método adotado consistiu na leitura, seleção e interpretação crítica das fontes, buscando articular os conceitos apresentados com o objetivo do estudo, que é refletir sobre a morte como realidade e como início de uma nova etapa existencial. Dessa forma, procurou-se estabelecer uma relação entre fé e razão, considerando tanto os aspectos existenciais quanto os teológicos da temática abordada.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na perspectiva bíblica, a morte é apresentada como “a sorte comum dos homens, o caminho de todos” (2Rs 2,3). Os israelitas não possuíam uma crença bem definida acerca do além-morte. Para eles, a pessoa falecida simplesmente deixava de existir (Sl 39,14; Jó 7,8ss). No entanto, a ideia de desaparecimento absoluto era difícil de ser aceita, o que os levou a conceber a noção da “sombra” do morto, um vestígio tênue e noturno, recolhida ao Xeol, descrito como um buraco profundo, um poço de morte e silêncio (Sl 115,25; Jó 10,20ss; 17,13). Nesse lugar, os mortos permaneciam esquecidos, destituídos de dignidade, esperança e comunicação com Deus, como quem dorme um sono definitivo (Is 38,18; Sl 13,4).

Essas concepções perduraram por séculos na tradição do povo hebreu, mesmo entre os mais piedosos. Isso se explica pelo caráter progressivo e gradual da revelação divina. Por outro lado, tais concepções contribuíram para uma intensa valorização da vida terrena: viver plenamente no aqui e agora.

Contudo, a visão do povo do Antigo Testamento sobre a morte, em especial a dos israelitas, convida a uma breve reflexão sobre o Livro do Eclesiastes. Sem a pretensão de realizar uma exegese, vale observar que os israelitas viveram por séculos sob o jugo, a tirania e o domínio de diversos impérios, como Assíria, Babilônia, Pérsia, Egito, Grécia e Roma, disputas que, em certa medida, ainda persistem nos dias atuais.

O modelo sociopolítico articulado e imposto por esses impérios, especialmente pelos gregos, produziu contextos de escravidão e exploração, por meio da manipulação da lei, da posse da terra e do controle sobre a vida. Essa realidade resultou em uma existência marcada pela dor e falta de perspectivas para os pobres, vítimas da opressão. Em contrapartida, os ricos buscavam prazer imediato em comer, beber e desfrutar dos bens terrenos, baseando-se na ideia de que a vida se encerrava no plano material.

No Livro do Eclesiastes, o autor, identificado como sábio, analisa criticamente a realidade de seu tempo (cf. Ecl 1), com ênfase na exploração do trabalho e no empobrecimento do povo, frequentemente justificados pela religião oficial. Em contraposição a essa realidade, o texto propõe uma forma alternativa de viver: praticar o bem, alegrar-se, comer, beber e desfrutar os frutos do próprio

Cadernos Macambira - ISSN 2525-6580, Serrinha, Bahia - v.11, n. especial, p. e011052187, 2026.
https://doi.org/10.59033/cm.v11iespecial.2187 - Número especial: Morrer e Amar na (re)criação do viver

trabalho, mas sem escravizar o próximo nem manipular a religião (Ecl 2,24; 3,12.22).

O autor insiste na ideia de que, sendo a vida passageira, o essencial é buscar a felicidade, cultivar a paz e viver em comunidade. Ele se opõe à teocracia, compreendida aqui como a substituição de Deus por uma figura humana, e rejeita a teologia da retribuição, ao afirmar que Deus é gratuidade. Sem uma teologia da ressurreição plenamente desenvolvida (Ecl 12,1-8), a compreensão predominante era de que todos desciam ao Xeol, o lugar dos mortos. Os ricos acreditavam que os cumpridores da lei e possuidores de bens materiais (vistos como sinais da bênção divina) habitariam uma região privilegiada dentro do Xeol, enquanto os pobres seriam lançados em um local inferior (Ecl 3,1-15).

Desse modo, o autor de Eclesiastes apresenta uma leitura alternativa da experiência com Deus, em oposição à catequese oficial da época. Ele ironiza a sabedoria institucionalizada, denuncia a teologia da retribuição e a exploração dos empobrecidos, convidando o povo a viver a existência como dom do Deus que não abandona suas criaturas (cf. Sl 73; Ecl 7,15-16; 8,14-17; 9,1-12,8; 9,9).

Somente mais tarde é que surgem, no Antigo Testamento, as primeiras noções e perspectivas de ressurreição. Afirma-se, por exemplo: “Se morre o fiel a Deus, o seu destino é a ressurreição” (2Mc 7,1ss), bem como a profecia: “Virá aquele que promoverá o direito e a justiça sem usar armas” (Is 41,1-9), em clara alusão ao Filho de Deus, Jesus Cristo.

A ideia de imortalidade da alma, amplamente difundida na tradição filosófica grega, não pôde se desenvolver plenamente em Israel, uma vez que os hebreus possuíam uma concepção unitária do ser humano. Com o passar do tempo, a experiência da morte, os sofrimentos enfrentados pelo povo e a confiança inabalável nas promessas de Iahweh possibilitaram o surgimento de uma esperança escatológica: a expectativa de um julgamento divino no qual os justos e misericordiosos seriam ressuscitados, como ilustram diversos textos bíblicos (Ez 37; Is 25,8; 26,8; Sl 73,23-26).

Para os cristãos, o sentido da morte é plenamente iluminado pelo mistério pascal, a morte e ressurreição de Cristo. Esta é a base da esperança cristã, pois, conforme ensina o apóstolo Paulo, aquele que morre em Cristo “deixa este corpo para ir morar junto do Senhor” (2Cor 5,8).

Nessa perspectiva, para o cristianismo, a morte do fiel marca, ao final de sua trajetória terrestre, o início de uma nova vida. Tal passagem confirma sua "semelhança" definitiva à "imagem" do Filho. Essa esperança e confiança são expressas na Oração do Credo, conforme o Símbolo Niceno-Constantinopolitano (CATECISMO, n. 673): "Espero a ressurreição dos mortos e a vida do mundo que há de vir" (cf. 1Cor 15,42-44).

Diante da realidade da morte, a esperança se revela como elemento central, não como fuga, mas como enfrentamento da finitude humana. Ainda que em outra perspectiva filosófica, Friedrich Nietzsche descreve a esperança como "o arco-íris sobre o riacho íngreme da vida, engolida cem vezes pela espuma e sempre se recompondo de novo" (Nietzsche, *apud* Han, 2024, p. 15), imagem que evidencia sua capacidade de permanecer mesmo diante do sofrimento e do limite extremo da existência.

Não estamos habituados a refletir livremente sobre a morte, especialmente os jovens, no auge da vitalidade. Entretanto, é fundamental reconhecer, com gratidão, leveza e consciência, a verdade essencial da existência humana. Como bem afirma o Papa Francisco, em suas Meditações sobre o tema da morte (2017, n. 47):

> Pensar na nossa morte não é uma fantasia negativa; aliás, viver bem todos os dias como se fosse «o último», e não como se esta vida fosse uma normalidade que nunca acaba, poderá ajudar a encontrar-se deveras prontos quando o Senhor chamar... a Igreja faz-nos refletir acerca do fim. Certamente, por um lado, o fim do mundo, porque o mundo acabará, será transformado e haverá a vinda de Jesus, no final. Mas, por outro, a Igreja fala também do fim de cada um de nós, porque cada um de nós, morrerá: a Igreja, como mãe, mestra, deseja que cada um de nós pense na própria morte.

A referência fundamental para a fé cristã é Jesus Cristo. Nesse sentido, ao se ampliar a compreensão sobre o horizonte escatológico da existência humana, destaca-se o chamado *Evento Christus*. Essa expressão refere-se à totalidade da pessoa e da obra de Jesus Cristo, que constitui o centro da história da salvação e da revelação de Deus à humanidade.

Compreende-se, portanto, que a encarnação, a vida, a morte e a ressurreição de Jesus são acontecimentos históricos portadores de profundo significado teológico. Por meio deles, revela-se a natureza amorosa e redentora

de Deus, oferecendo à humanidade a possibilidade de salvação e comunhão definitiva com o Criador.

O *Evento Christus* não se limita a ser uma mera sinalização de Deus; trata-se de sua revelação definitiva ao mundo. Por meio dele, Deus manifesta sua proximidade amorosa, redentora e permanente com a humanidade, indicando que o destino do ser humano está unido ao destino de Jesus. Com a ressurreição, após a morte, a promessa cristã aponta para uma morada já reservada junto ao Pai: “Na casa de meu Pai há muitas moradas. Vou preparar-lhes um lugar” (Jo 14,2).

A filósofa e teóloga alemã Edith Stein (1891–1942), de origem judaica, teve sua vida interrompida em Auschwitz, durante a Segunda Guerra Mundial. Convertida ao cristianismo e integrada à Igreja Católica, foi canonizada sob o nome de Santa Teresa Benedita da Cruz. Desenvolveu profunda consciência sobre a condição de seu povo, os sofrimentos provocados por seus algozes, a importância da vida eclesial e das relações humanas, fossem elas próximas ou distantes.

Em seu testamento espiritual, Stein revelou o sentido que atribuiu à existência e à própria morte, compreendendo-a como uma forma de identificação íntima e radical com o Crucificado:

> Desde já, aceito a morte que Deus me destinou, enfrentando-a com alegria, em perfeita submissão à sua santíssima vontade. Peço o Senhor que aceite minha vida e minha morte para sua glória e louvor, por todas as necessidades (...) da Igreja (...) e para que o Senhor seja aceito pelos seus, e seu Reino venha em glória, pela salvação da Alemanha e pela paz no mundo; enfim pelos meus parentes vivos e falecidos, e por todos os que Deus me deu: que nenhum deles se perca (Stein, 2002, p. 515-516).

Assim, na perspectiva cristã, o ser humano não morre definitivamente, mas passa a viver em comunhão eterna com Cristo Ressuscitado, unido ao Espírito de Deus, fonte de vida e imortalidade (Ef 1,13ss; Rm 8,9-11). Contudo, conforme apontam alguns teólogos, não se pode atribuir à alma humana uma imortalidade natural, no sentido de uma sobrevivência autônoma após a morte.

Segundo Idígoras (1983, p. 301):

> Essa sobrevivência se deve à presença do Espírito de Deus na alma, semente de imortalidade (Rm 8,9-11). O mesmo autor ao citar Karl Ranher, teólogo alemão, destaca que “nem mesmo

> assim se deve pensar que o espírito permanecerá desligado do mundo corporal. Separada de seu corpo e unida ao Espírito de Deus, a alma não deve permanecer "acósmica" (separado do mundo material) ... deve-se pensar muito mais em uma relação "pancósmica" (referida ao mundo inteiro) do espírito humano com a matéria.

Ratificando a compreensão de que a morte constitui o "início" da vida definitiva, Idígoras (1983, p. 301-302), no Vocabulário Teológico, afirma:

> a ressurreição final, quando Cristo submeterá todas as coisas a si e entregar-se-á a si mesmo e tudo ao Pai, já não será uma simples recriação de um mundo novo... Será a presença total e transformadora do Espírito Santo que vivificará plenamente todos os homens.

Ao concluir esta reflexão, é oportuno retomar as provocações iniciais: é possível encarar a morte com esperança? O ser humano a percebe, de fato, como um novo começo? Compreende-se que responder a essas indagações implica percorrer um caminho interior, uma jornada que integra fé e razão, teologia e ciência, em busca de uma compreensão mais ampla, e, ao mesmo tempo, pessoal, desse mistério inescapável.

Retorno, portanto, ao autor que ofereceu tantas luzes à presente reflexão. A partir da perspectiva da autotranscedência, da confiança e da esperança, é possível vislumbrar a morte como um acontecimento real e inevitável, que pode ocorrer hoje, amanhã ou num tempo ainda distante e cujo dia e hora não dependem de nossa vontade. Como expressa Idígoras (1983, p. 302):

> Dessa fé na ressurreição e dessa esperança na nova vida dos homens é que surge a concepção cristã da morte...O cristão se angustia e sofre diante da morte, como seu próprio Mestre. Mas, em toda essa angústia, ele vive a esperança de um mundo novo e uma vida nova. Desse modo, embora não deixem de existir, os sofrimentos e padecimentos do presente adquirem um sentido humano e alentador...O cristão sente-se morrer em cada um dos seus sofrimentos, mas sabe que essa morte é semente de vida (2Cor 6,9-10) ... Ele enfrenta os perigos e lutas com novo valor e energia, pois sabe que esse morrer a cada dia (1Cor 15,31) é obra de vida para a comunidade inteira (2Cor 4,8-12).

A partir da reflexão do Papa Francisco, a morte adquire o sentido de ser transformada em vida para a comunidade. Tal perspectiva suscita a compreensão de que a morte deixa "memórias simbólicas", capazes de fecundar novas existências. Como afirma o Evangelho: "Se o grão de trigo não cair na

terra e não morrer, continuará ele só. Mas, se morrer, dará muito fruto" (Jo 12,24). Somos sementes. A morte, nesse sentido, inaugura um recomeço por meio da memória viva. Foi assim com o Cristianismo: ele nasceu do testemunho, da memória e da força do *Evento Christus*.

O testemunho do **Papa Francisco,** especialmente em seu ministério pontifício diante das diversas realidades contemporâneas, evoca profundas memórias de sua humanidade, sempre expressa no pedido simples e insistente: "Por favor, rezem por mim". Na Encíclica Laudato Si' (2015), ele mobilizou o mundo, cristãos e não cristãos, em torno do cuidado amoroso com a **Casa Comum** e da proposta da **Ecologia Integral**, uma nova compreensão do meio ambiente como dimensão inseparável da justiça social. Em 2020, lançou o **Pacto Global pela Educação,** destacando a importância de uma educação inclusiva e transformadora, capaz de alcançar todos e todas, reconhecendo o papel central dos educadores na renovação do mundo.

No auge da pandemia da COVID-19, o Papa protagonizou um gesto histórico: percorreu, sozinho, a Praça São Pedro, representando os peregrinos de todo o mundo e dirigindo-se ao Cristo Crucificado para suplicar pela cura da humanidade (Vatican News, 2020). E, por fim, em um ato de fé e entrega, poucas horas antes de sua morte, em 21 de abril de 2025, apareceu pela última vez na Praça São Pedro, sustentado unicamente pela força do Espírito de Deus, para proclamar a mensagem da Páscoa e a Bênção *Urbi et Orbi* (Vatican News, 20 abr. 2025).

A Páscoa de Cristo. A Páscoa de Francisco. A minha páscoa. A nossa páscoa, compreendida, à luz da fé, como um novo começo que se dá por meio da morte. Essa compreensão se sustenta na certeza de que, conforme afirma o Papa Francisco (2017, n. 47):

> Chegará o dia em que o Senhor dirá a cada um de nós: Vem! E a chamada para alguns será repentina, para outros será depois de uma doença, num desastre: não sabemos... Mas haverá a chamada e será uma surpresa: não a última surpresa de Deus, depois desta haverá outra — a surpresa da eternidade — mas será a surpresa de Deus para cada um de nós.

A hora referida pelo Papa Francisco possui marca de eternidade, de comunhão. Segundo L. Boff (2016), morrer, portanto, "é penetrar no coração do

Cadernos Macambira - ISSN 2525-6580, Serrinha, Bahia - v.11, n. especial, p. e011052187, 2026.
https://doi.org/10.59033/cm.v11iespecial.2187 - Número especial: Morrer e Amar na (re)criação do viver

universo, onde todas as coisas são um... que constituem a realidade universal... É a possibilidade de comunhão de tudo com tudo".

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se, assim, que a morte, embora envolta em mistério e vazio, é também espaço de fé e de reimaginar o futuro. É esperança. E como assevera Byung-Chul Han: "ela abre o olhar para o que está por vir" (2024, p. 14). A tradição bíblico-teológica revela que a vida de Cristo impele cada pessoa a pensar na morte e, ao fazê-lo, a refletir sobre a própria vida, buscando vivê-la plenamente, com beleza e honra, por meio do amor e da compaixão. Essa esperança conduz a uma postura interior que, quando a morte chegar, permita encontrá-la em estado de confiança, disposta a receber a graça e a justiça d'Aquele a quem se procurou estar próxima. Olhá-la, assim, como uma experiência antecipada, ainda que limitada, de permanecer com Ele para sempre, sem conceder à morte a última palavra. Ela é o início de uma nova vida junto de Deus. Esse entendimento ressignifica o sofrimento e nos convida a viver com responsabilidade e transcendência. A certeza da ressurreição transforma a morte em passagem e não em fim. É, portanto, um novo começo.

Desta forma, não gosto de pensar a morte apenas como começo, mas também em atitude interior de esperança, não obstante a estranheza da travessia. E, na travessia começando, constato com Henry Scott Holland (1910), depois poetizado por Agostinho Hipona, que:

A MORTE NÃO É NADA

A morte não é nada.
Apenas passei ao outro lado do mundo.
Eu sou eu. Você é você.
O que fomos um para o outro, ainda o somos.
Dá-me o nome que sempre me deste.
Fala-me como sempre me falaste.
Não mudes o tom a um triste ou solene.
Continua rindo com aquilo que nos fazia rir juntos.
Reza, sorri, pensa em mim, reza comigo.
Que o meu nome se pronuncie em casa
como sempre se pronunciou,
sem nenhuma ênfase, sem rosto de sombra.

> A vida continua significando o que significou: continua sendo o que era.
> O cordão de união não se quebrou.
> Por que eu estaria fora dos teus pensamentos, apenas porque estou fora da tua vista?
> Não estou longe, somente estou do outro lado do caminho.

Nesta perspectiva, a morte deixa de ser compreendida como ruptura definitiva e passa a ser reconhecida como transformação e continuidade da existência. Tal compreensão é reforçada pelo pensamento de Leonardo Boff, para quem a morte pertence à própria dinâmica da vida, constituindo seu ponto culminante. Segundo o autor, ela não representa o fim, mas uma transformação que possibilita ao ser humano “dar um salto para o outro lado de si mesmo”, permitindo a continuidade da vida em outra forma. Essa visão amplia o horizonte da esperança cristã, ao reafirmar que a morte não tem a última palavra, mas inaugura uma nova existência em comunhão com Deus. Assim, compreendida à luz da fé, a morte ressignifica o sofrimento humano e convida cada pessoa a viver com responsabilidade, sentido e abertura à transcendência, reconhecendo-a, portanto, como um novo começo.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA Pastoral. São Paulo: Paulus, 2014.

BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus 1981.

BOFF, Leonardo. **“Morrer é penetrar no coração do universo onde todas as teias de relação encontram o seu nó de origem e de sustentação”.** Entrevista concedida a João Vitor Santos. Instituto Humanitas Unisinos, 02 nov. 2016. Disponível em: https://www.ihu.unisinos.br/561757. Acesso em: 29 abril 2026.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo: Edição típica Vaticana, Loyola, 2000.

FRANCISCO, Papa. **Meditações Matutinas. Pensamento sobre a morte.** Publicado no L'Osservatore Romano, ed. em português, n. 47 de 23 de novembro de 2017.

FRANCISCO, Papa. **Carta Encíclica Laudato Si´. Sobre o cuidado da casa comum.** São Paulo: Paulinas, 2015.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Miniaurélio: **o minidicionário da língua portuguesa dicionário / Aurélio Buarque de Holanda Ferreiro;** coordenação de edição Marina Baird Ferreira; equipe de lexicografia Margarida dos Anjos – 7ª ed. – Curitiba – Ed. Positivo; 2008.

HAN, Byung-Chul. **O espírito da esperança: contra a sociedade do medo.** Ilustração de Anselm Kiefer; tradução de Milton Camargo Mota. Petropólis RJ: Vozes, 2024.

HENRY Scott-Holland. **Death Is Nothing At All. Family Friend Poems**. https://www.familyfriendpoems.com/poem/death-is-nothing-at-all-by-henry-scott-holland

HOUAISS, Antônio (1915-1999); VILLAR, Mauro de Salles (1939-) **Minidicionário da língua portuguesa / Antônio Houaiss e Mauro de Salles Villa**r; elaborado no Instituto Antônio Houaiss de lexicografia e banco de dados da língua portuguesa S/C Ltda. – 3ª ed. Ver. E aum. – RJ: Objetiva, 2008.

HOLLAND, H. S. [**A morte não é nada**]. In: **Pensador**. [S.l.]: 7Graus, [s.d.]. Disponível em: https://www.pensador.com/frase/ODY3NDIy/. Acesso em: 30 nov. 2025.

IDÍGORAS, J. L. **Vocabulário Teológico para a América Latina**. Tradução de Álvaro Cunha; revisão de Carlos Felício da Silveira. São Paulo: Ed. Paulinas, 1983.

MICHAELIS: **Moderno dicionário da Língua Portuguesa**. 2005.

STEIN, Edith. **Escritos autobiográficos y cartas**. Madrid: Editorial de Espiritualidad/Vitoria; Monte Carmelo: Ediciones El Carmen/Burgos, 2002. (Obras Completas, 1).

NIETZSCHE, F. **Nachgelassene Fragmente 1875-1879**, *apud* HAN, Byung-Chul. O espírito da esperança: contra a sociedade do medo. Tradução de Milton Camargo Mota. Petrópolis: Vozes, 2024. p. 15.

VATICAN NEWS**. Mensagem de Páscoa do Papa Francisco** – Urbi et Orbi. Vatican News, 20 abr. 2025. Disponível em: https://www.vaticannews.va. Acesso em: 30 nov. 2025.